

Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia

Fordlandia: a brief report of the American presence in Amazon.

Cristovam Sena¹

Resumo: O crescente interesse pela borracha na Amazônia, despertado pela exploração na Colômbia, em 1896, levou à vinda de estrangeiros à América do Sul, dentre eles Henry A. Wickham que retirou sementes de *Hevea brasiliensis* da região de Santarém/PA que foram cultivadas com sucesso na Malásia, promovendo um verdadeiro cartel da borracha no Sudeste Asiático. O americano Henry Ford, pensando em produzir sua própria matéria-prima para os pneus dos seus automóveis, adquiriu, em julho de 1927, terras no vale do Rio Tapajós, onde se iniciou a construção da cidade que recebeu o nome de Fordlândia. Destinada a ser a primeira “cidade empresa” edificada na Amazônia, oferecia a seus habitantes: hospital, escola, água encanada, luz elétrica, moradia, lazer e emprego. No entanto, o investimento de 125 mil dólares com a aquisição da terra não trouxe correspondente rendimento na exploração dos seringais cultivados; além da topografia montanhosa e solo arenoso que dificultavam o cultivo mecanizado, o ataque das seringueiras pelo fundo *Microcyclus ulei* praticamente dizimou os seringais implantados nos primeiros anos, obrigando a Companhia Ford Industrial do Brasil a transferir-se, em 1934, para Belterra, município de Santarém. A baixa produtividade, o fim da Segunda Guerra Mundial com conseqüente queda na demanda mundial por borracha, e a produção de borracha sintética levaram à retirada dos americanos da região do Tapajós em 1945. O governo federal adquiriu as benfeitorias e as plantações de seringueiras, porém não impediu a degradação de Fordlândia que viu seu patrimônio material ser dilapidado, ficando prédios em ruínas e lembranças de moradores remanescentes do tempo do fastígio da borracha.

Palavras-chave: Fordlândia, Amazônia, borracha, história

¹ Engenheiro florestal da Emater/PA, diretor do Instituto Cultural Boanerges Sena, Santarém/PA. End.: Travessa Quinze de Agosto, 1248 CEP: 68.005-300 Santarém/PA cristovamsena@bol.com.br

Abstract: *The increasing interest for the rubber in Amazon, initiated by the exploitation in Colombia, 1896, led to the influx of foreign explorers to South America. One of them was Henry A. Wickham who removed Hevea brasiliensis seeds from Santarém region, Pará. Those were cultivated in Malasia, promoting a voracious trust in the Southeastern Asia. Henry Ford, planning to manufacture his own raw material for the car wheels produced by his Company, bought in July 1927, lands in the Tapajós River valley. A city named Fordlandia was built to be the first “business city” constructed in Amazon, offering to the inmates: hospital, school, piped water, electric power, dwelling, leisure and employment. Nevertheless, the investment of 125 thousand dollars to acquire lands did not brought correspondent profit in the exploitation of cultivated rubber trees; apart from the mountainous topography and sandy soil, which turned more difficult the mechanized culture, the attack of the fungus Microcyclus ulei practically lessen the rubber trees cultivated in the first years. Then the Ford Industrial Company of Brazil was transferred to Belterra, Santarém in 1934. The low productivity, the end of II World War and consequent decrease in rubber demand, and the production of synthetic rubber led to the American withdrawn from the Tapajós region in 1945. The Brazilian federal government acquired all benefits and rubber plantations but did not avoid Fordlandia’s degradation that had its material inheritance deteriorated, leaving buildings in ruins and reminds of the prominent rubber period in few reminiscent inhabitants.*

Keywords: *Fordlandia, Amazon, rubber, history*

O ciclo do ouro negro

Em toda a Amazônia, nenhum outro ciclo econômico foi mais estudado e pesquisado do que o da borracha. Até hoje ainda existem estudiosos interessados em conhecer os períodos de apogeu e decadência do “ouro negro”, que fizeram Manaus e Belém se transformar rapidamente em grandes centros comerciais, metrópoles da Amazônia. Ciclo que deu origem aos afortunados barões da borracha, homens que estabeleciam seu poder na base da tirania, como Julio Cesar Arana, que mantinha escravos em suas terras. Em 1896 o comerciante peruano começou a explorar seringais nativos no vale do rio Putumayo na Colômbia. Já em 1905 havia adquirido mais de três milhões de hectares dentro do território colombiano, utilizando mão-de-obra indígena na extração da borracha. Devido à brutalidade do regime de trabalho, em doze anos de exploração dos seringais nativos de Putumayo a população indígena passou de 30 mil para menos de oito mil índios, gerando um faturamento de US\$ 75 milhões com a exportação

de aproximadamente quatro mil toneladas de borracha. Para Arana, cada índio morto representou 180 quilos de borracha, nessa troca direta de vida humana por produto, que muitas vezes o capital impõe e que ainda hoje prevalece, não de forma tão explícita como naquele tempo.

Vivia-se a era do automóvel e da borracha, e o mundo precisava da matéria prima a qualquer preço. Durante o século XIX, praticamente toda borracha natural consumida no mundo era originária da Amazônia brasileira, levando o produto a competir com o café na formação do PIB brasileiro.

Heróis e vilão

Dentre os vários personagens que inscreveram seus nomes nessa história tão importante para a economia da Amazônia, denominada de “ciclo do ouro negro”, três merecem destaque especial: Charles Marie de La Condamine, Charles Goodyear e Henry Alexander Wickham. Um francês, um americano e um inglês. Os dois Charles, eméritos cientistas, em épocas diferentes tiveram influência no apogeu do ciclo, enquanto que Wickham foi o responsável direto pela sua decadência.

La Condamine, pioneiro nos estudos científicos sobre a borracha, em 1744 apresentou a *Hevea brasiliensis* à Academia de Ciências, em Paris, levando a boa nova ao “mundo civilizado”. Goodyear, em 1836, conseguiu através da vulcanização da borracha, transformá-la em produto estratégico para o mundo. E Wickham, em 1876, após passar três anos morando em Santarém, amparado pelo beneplácito do Kew Garden, conseguiu transferir 70 mil sementes de seringueiras do Vale do Tapajós para Londres, ato que se transformou no início do fim do monopólio que o Brasil mantinha na produção de borracha natural.

Por seus atos, para a história econômica da Amazônia o francês e o americano são considerados heróis, enquanto o inglês ficou estigmatizado como o grande vilão e único responsável pela débâcle da borracha. Mas será que foi o único mesmo?

Em 1876, o inglês Henry Alexander Wickham, a serviço do Royal Botanical Garden em Londres, coletou e enviou para a Inglaterra 70 mil sementes de seringueira (*Hevea brasiliensis*), originárias de uma região denominada Boim, no Vale do Tapajós. As sementes produziram 2.700 mudas (3,8%), posteriormente plantadas em colônias britânicas na Malásia, que originaram extensos seringais de cultivo com alta produtividade de

borracha seca por hectare. Em pouco mais de cinquenta anos os ingleses desbancaram a Amazônia e transformaram-se nos maiores produtores de borracha do mundo, com efeitos desastrosos para a economia da região que continuava assentada no extrativismo predatório dos seringais nativos, e assim continuou por mais meio século.

Quando os danados dos ingleses roubaram a nossa borracha e fizeram plantações no Oriente e nos expulsaram do mercado, foi terrível. Muita gente faliu. Não havia mais dinheiro, não havia mais navios nos rios, nem mercado, nem exportação, nem borracha. A borracha valia menos do que o suor que custava. Os seringueiros morriam de fome, o capim crescia nas ruas de Manaus. Foi uma catástrofe de grandes proporções. Lamentos de Tyler, personagem do livro “A árvore que chora – o romance da borracha”, da escritora americana Vicki Baum.

Ford e a idéia de produzir borracha na Amazônia

Esse fato teve reflexos também em Dearborn, pois os ingleses a fim de manterem o preço da borracha em alta, criaram o cartel da borracha no Sudeste Asiático, obrigando Henry Ford (1863-1947) a pensar em produzir sua própria matéria- prima se quisesse ter garantia no abastecimento de látex para a fabricação dos pneus dos seus automóveis, a preços competitivos. Em Dearborn, distrito de Detroit, Ford produzia 1.200 automóveis por dia, empregando mais de cem mil operários em suas fábricas.

Assim surgiu a idéia de Ford produzir borracha na Amazônia. A escolha do Vale do Tapajós para sede do seringal racional deveu-se ao fato de lá terem saído as 70 mil sementes que Henry A Wickham levou para Londres. Mas a história da aquisição dessa área em julho de 1927, um milhão de hectares, é meio intrincada, onde aparecem as figuras de Jorge Dumont Villares, herdeiro de uma afortunada família cafeeira de São Paulo, e W.L. Reves Blakeley. Segundo Warren Dean, no seu livro “A Luta Pela Borracha no Brasil”, Henry Ford pagou 125 mil dólares a Villares para ficar com a terra que o Estado poderia ter-lhe cedido gratuitamente se tivesse tratado diretamente com ele.

Fordlândia

Adquirida a terra, o passo seguinte foi construir a cidade que iria dar suporte à *plantation* e que recebeu o nome de Fordlândia, localizada à

margem direita do Rio Tapajós, na bacia do Rio Cupari, dentro dos municípios de Aveiro e Itaituba, numa comunidade denominada Boa Vista.

Em dezembro de 1928 dois navios, Lake Ormoc (figura 1) e Lake Farge, depositaram em Fordlândia os componentes que estruturariam a nova cidade. Sob a direção do americano Einar Oxholm, operários brasileiros puseram-se imediatamente a trabalhar na construção daquela que iria se transformar em pouco tempo na terceira mais importante cidade da Amazônia, oferecendo aos seus habitantes hospital, escolas, água encanada, moradia, cinema, luz elétrica, porto, oficinas mecânicas, depósitos, restaurante, campo de futebol, igreja, hidrantes nas ruas, emprego.

Num ritmo acelerado a cidade foi brotando no meio da selva. A caixa d'água, símbolo da presença do Ford na Amazônia, trazida encaixotada dos Estados Unidos, foi montada e colocada em ponto estratégico para ser vista por todos que ali aportassem (figura 2). Vilas de casas dos funcionários, administradores e visitantes iam sendo construídas (figura 3 e 4). Fordlândia seria a primeira “cidade empresa” edificada na Amazônia, criada para garantir a lógica produtiva dos grandes projetos, provocando verdadeira revolução na realidade local e regional, transformando as relações de trabalho e a vida social dos seus habitantes.

Jacob Cohen, no seu livro “Fordlândia, a grande interrogação do futuro” escrito em 1929, assim descreve a construção da cidade: “O primeiro cuidado dos engenheiros encarregados foi lançar as primeiras fundações, tendo-se agasalhados parte deles na antiga casa de Boa Vista, que foi remodelada. Depois mandaram construir o Barracão Central que serve de escritório, consultório médico e dentário, farmácia, armazém de mercadorias (figura 5), refeitório, etc., iluminado a luz elétrica, com telefone e ventiladores elétricos”. Em seguida construíram o porto (figura 6) e o hospital (figura 7), que Cohen classifica “como modelar no gênero, obedecendo a mais rigorosa higiene, com serviço de ambulância equiparado ao de Belém. O almoxarifado, um edifício em forma de chalé, onde funciona também a seção de eletricidade (figura 8). A serraria, montada provisoriamente perto do almoxarifado e do porto, contém uma bancada de serra para toras e uma aplainadeira mecânica, recebe sua força motriz de uma usina central por meio de acumuladores elétricos.”

Paralelamente à construção da cidade, tiveram início os trabalhos de derrubada da mata para o plantio do seringal. No final de 1929, tinham completado a limpeza e o plantio de 400 hectares, bem aquém do que tinha

sido planejado pelos administradores da Companhia Ford Industrial do Brasil – CFIB (figura 9), sociedade anônima criada em 1927 com objetivo de, entre outras coisas, “*proceder à plantação de seringueiras e exercer a indústria extrativa relativa a esse produto*”, como consta em seus estatutos. Nos dois anos seguintes, mais novecentos hectares foram desmatados.

Foi o primeiro grande desmatamento contínuo nas terras firmes da Amazônia. Nesse tempo a insipiente pecuária ainda restringia-se às terras de várzea com seus campos naturais e marombas, prática que foi alterada a partir da grande cheia de 1953 que obrigou os criadores a formarem pasto em terra firme.

O fracasso

A partir do desmatamento para o plantio do seringal os problemas começaram a surgir em Fordlândia. A idéia de retirar antes da queimada a madeira comercializável reduziu o ritmo da operação de desmatamento. A madeira retirada deveria ser exportada para a Europa e Estados Unidos, mas o plano de compensar o investimento inicial com a venda da madeira fracassou, sendo abandonado ainda em 1929. Para essa atividade a Companhia tinha instalado aquela que foi considerada à época a maior serraria da América Latina, e que depois ficou somente desdobrando madeira para a construção dos galpões e casas dos operários, e produzindo lenha para as caldeiras.

Contudo, o fator determinante para o fracasso da Companhia na produção de borracha em Fordlândia foi a falta de critério técnico na escolha da área, induzida pela dupla Vilares/Blakeley, que meses antes tinha obtido gratuitamente do governo paraense a concessão dessa área de um milhão de hectares, e comercializado em seguida com Ford por 125 mil dólares. A topografia montanhosa (figura 10) e solo predominantemente arenoso de Fordlândia dificultavam o cultivo mecanizado, elevando o custo de implantação do seringal. Além do clima com umidade relativa do ar elevada, que favorecia o ataque do inimigo número um da seringueira na Amazônia, o “Mal das Folhas”, doença causada pelo fungo *Microcyclus ulei*, até então desconhecido dos americanos de Fordlândia que por isso não estavam preparados para combatê-lo.

A impressão que temos hoje é que Blakeley, a fim de consumir o projeto arquitetado com Vilares para a venda das terras, convenceu Henry

Ford de que devido as sementes de seringueiras que originaram as extensas plantações do Oriente terem saído do vale do Tapajós, produzir borracha nessa região seria fácil, pois iriam estabelecer sua *plantation* no berço natural das seringueiras. No jargão do futebol seria cruzar e correr para o abraço. Tanto é verdade, que na relação dos técnicos que vieram em 1927 para a implantação da cidade e do seringal, estavam engenheiros, médicos, contabilistas, eletricitas, desenhistas, mas nenhum agrônomo, botânico ou fitotecnista fazia parte da equipe inicial. Ninguém ligado ao setor agrícola.

Para comandar as plantações, contrataram o amazonense Monteiro da Costa, definido por Jacob Cohen como um “poliglota que serviu por muitos anos como Diretor do Campo Experimental da Seringueira em Manaus, verdadeiro especialista em *Hevea brasiliensis*”, mas Cohen não especifica sua formação acadêmica.

Fato é que o *Microcyclus* praticamente dizimou o seringal implantado nos primeiros anos, obrigando que em 1934 a Companhia formalizasse com o Estado a permuta de uma área de 281 mil hectares, localizada nos fundos da gleba anteriormente adquirida, por outra de igual tamanho, no município de Santarém, margem direita do Rio Tapajós, onde edificaram outra cidade, Belterra (figura 11), e começaram novo plantio racional de seringueiras. Seis anos depois de ter chegado a Fordlândia, a Companhia reiniciava do zero seu projeto de produzir borracha na Amazônia.

Além da topografia e do clima, Fordlândia estava a quatro dias de barco de Belém, e no período da estação seca o Rio Tapajós baixa o nível de suas águas, não permitindo a entrada ou saída de grandes navios até o porto da Companhia.

A busca de uma solução

O fracasso de Fordlândia obrigou a Companhia a trazer um especialista para diagnosticar a improdutividade do seringal. Ford contratou James R. Weir que “em seu relatório inicial assinalou omissões em aspectos elementares de gestão agrícola, e sugeriu como medida de urgência a importação do Sudeste Asiático, de clones de alta produtividade garantida”.

Segundo Dean, isso aconteceu em 1934 quando chegaram 53 clones selecionados pelo próprio Weir, que orientou que fossem plantados em Belterra, um platô de 150 metros de altitude, na mesma margem do Tapa-

jós, cinquenta quilômetros ao Sul de Santarém, com navegação regular de navios de grande calado durante os doze meses do ano. Em Belterra, mesmo apresentando condições de solo, clima e topografia mais favoráveis ao cultivo da hévea, o seringal também foi atacado pelo “Mal das Folhas”. Mas a utilização de práticas de manejo como seleção de sementes, utilização de clones resistentes, enxertia de copa e controle com fungicidas, fizeram com que o seringal passasse a conviver com o *Microcyclus*.

Em 1941 as primeiras seringueiras plantadas em Belterra começaram a ser exploradas, mas a produtividade extremamente baixa associada ao alto custo de produção da borracha jogou um balde de água fria no entusiasmo dos administradores da Companhia.

A retirada

A presença da Ford Motor Company na Amazônia durou 18 anos (1927-1945). Em 1945, o neto de Henry Ford que estava à frente do projeto resolveu desistir do empreendimento, imputando ao fungo e a problemas com trabalhadores a responsabilidade pela retirada. A justificativa apresentada por Henry Ford II poderia ser mais completa, pois não interessava mais ao avô magnata produzir borracha tão longe de Dearborn, a um preço elevado. A Segunda Guerra Mundial tinha chegado ao fim, a demanda por borracha tinha diminuído além de que a borracha sintética substituía em parte a borracha natural. Os Estados Unidos e Inglaterra agora eram parceiros, o que fez com que os ingleses derrubassem o cartel da borracha no Sudeste Asiático.

Foram dezoito anos em que a Companhia exerceu os direitos de concessão de uso de um milhão de hectares na Amazônia, quando resolveu se retirar “entregando” terras e benfeitorias ao Governo Brasileiro. Pelo Decreto Lei 8.440 de 24 de dezembro de 1945, o Governo Federal estabeleceu normas para a aquisição do acervo da Companhia Ford Industrial do Brasil, operação que se efetivou através do Banco de Crédito da Borracha S.A, atual Banco da Amazônia, pagando por ele o preço simbólico de cinco milhões de cruzeiros (250 mil dólares). Segundo Warren Dean, valor que a empresa devia a seus trabalhadores de acordo com as leis brasileiras relativas ao aviso prévio. Segundo estimativas, as duas plantações custaram à Companhia Ford um investimento de mais de vinte milhões de dólares.

Por esse valor simbólico, o Governo Federal recebeu seis escolas (quatro em Belterra e duas em Fordlândia), dois hospitais, patrulhas sani-

tárias, captação, tratamento e distribuição de água nas duas cidades, usinas de força, mais de 70 quilômetros de estradas bem conservadas; dois portos; estação de rádio e telefonia; duas mil casas para trabalhadores; trinta galpões; centros de análise de doenças e autópsias; duas unidades de beneficiamento de látex; vilas de casas para a administração; departamento de pesquisa e análise de solo. Além de mais de cinco milhões de seringueiras plantadas: 1.900.000 em Fordlândia e 3.200.000 em Belterra.

O agrônomo Eymar Franco, no seu livro de memórias “O Tapajós que eu vi”, relembra a chegada dos americanos em 1928, na época, ele um garoto de sete anos de idade, morando na comunidade de Urucutituba, numa fazenda localizada em frente de onde foi se estabelecer a Companhia Ford:

A chegada dos americanos ao Tapajós causou uma verdadeira revolução em todo o rio. Aqueles homens muito brancos, louros, de olhos azuis, falando uma língua diferente era a mesma coisa que a Terra fosse invadida por seres de outro planeta (...)

(...) Em 1928 chegou a Companhia Ford Industrial do Brasil e trouxe uma era de prosperidade que prometia ser duradoura. Em fins de 1945, princípios de 1946, a Ford retirou-se do Tapajós e ele mergulhou novamente no silêncio e no esquecimento, ficando ainda mais pobre do que antes.

Fordlândia hoje se encontra abandonada, quem a visita vislumbra somente vestígios da “era de prosperidade” a que se refere Eymar Franco. Após a saída dos americanos, o patrimônio material de Fordlândia foi sendo dilapidado pouco a pouco, através de sucessivos leilões públicos e outros tantos não oficiais, que mais poderiam ser chamados de saques contra o patrimônio construído pela Companhia e adquirido pelo governo brasileiro.

Ficaram alguns prédios em ruínas (figuras 12 a 16) que ainda servem de atrativo aos poucos turistas e pesquisadores que procuram constatar e compreender a presença americana na Amazônia. Chegam atraídos pelo que representou a borracha na economia mundial do século XIX e metade do século XX, e a importância da região nesse contexto. Vêm em busca de conhecer uma História que nesse período influenciou diretamente a economia brasileira e mundial, mas que nós brasileiros ainda não conseguimos entendê-la suficientemente para evitar que se reproduza.

Em Fordlândia ainda encontram-se presentes alguns poucos moradores remanescentes do tempo do fastígio da borracha, que vivem a

lembrar como era bom trabalhar e conviver com os americanos, com assistência médica e hospitalar garantidas para toda a família (figuras 17 e 18), escola com professoras trazidas de Belém para educarem seus filhos, nutricionistas para controlar a alimentação dos gringos e dos caboclos, água tratada e abundante nas torneiras, luz elétrica nas casas.

Fordlândia, que em 1930 chegou a ter uma população de 2.500 habitantes, a metade da população de Santarém na época, definhou. Hoje, 1.700 habitantes sobrevivem sem esperança de dias melhores, abandonados à própria sorte, sem condições de estabelecer uma agricultura competitiva por causa da desestruturação da base produtiva: insuficiência de assistência técnica, crédito, pesquisa, insumos, estradas, comercialização, armazéns, etc.. Estão isolados.

O turismo, que poderia ser outra alternativa viável, precisa de investimentos que viabilizem a estruturação do turismo receptivo que potencialmente Fordlândia representa, ela que hoje é um Distrito do município de Aveiro. Enquanto Belterra, com uma população de 16.275 habitantes, após uma luta de décadas, conseguiu em 1997 emancipar-se politicamente de Santarém, sendo elevada à categoria de município (figuras 19 e 20).

Referências bibliográficas

- Baum V. *A árvore que chora*. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1946.
- Benchimol S. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1992.
- Cohen J. *Fordlândia: a grande interrogação do futuro*. Belém, 1929.
- Costa FA. *Grande Capital e Agricultura na Amazônia*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1993.
- Dean W. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.
- Franco E. *O Tapajós que eu vi*. Santarém: Ed. ICBS, 1998.
- Rocha GM. *Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- Santos PR. *Tupaiulândia*. Santarém: ICBS, 1999.
- Weinstein B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

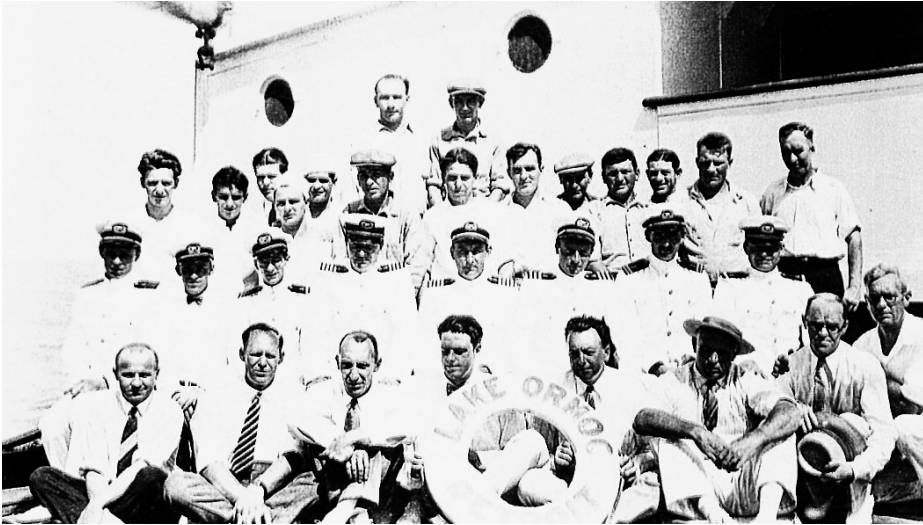


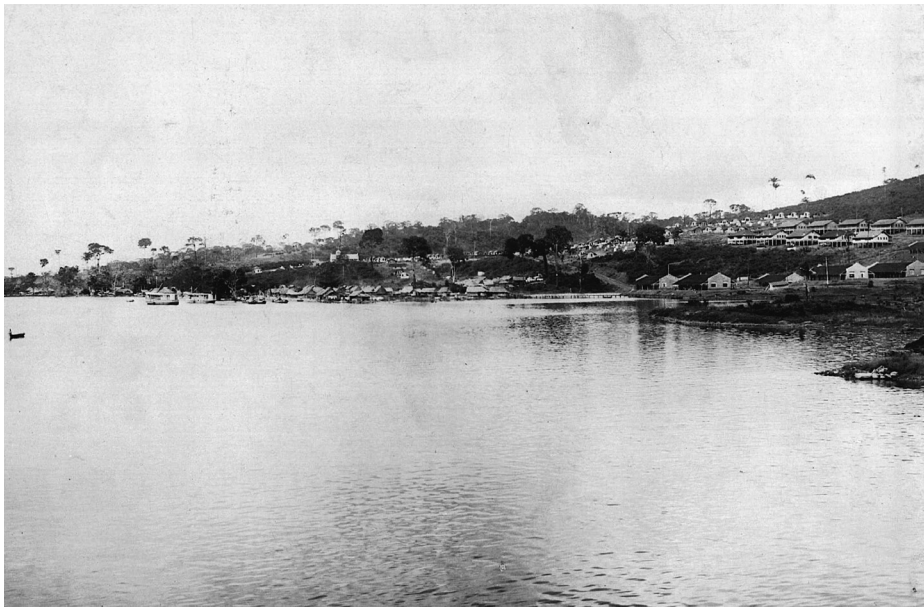
Figura 1 – Tripulantes do navio Lake Ormoc, primeiro a aportar na comunidade de Boa Vista, em 1928, trazendo equipamentos e operários para construção de Fordlândia (data: 1928).



Figura 2 – Aqueduto para captação de água e caixa d'água de Fordlândia, instalada em local de fácil visualização aos que navegavam pelo Rio Tapajós (data: década de 1930).



Figuras 3 e 4 – Vila operária para moradia de trabalhadores brasileiros e estrangeiros empregados pela Companhia Ford Industrial do Brasil (data: década de 1930).



FORDLÂNDIA: BREVE RELATO DA PRESENÇA AMERICANA NA AMAZÔNIA



Figura 5 – Armazém da Cia. Ford Industrial do Brasil (data: década de 1980).

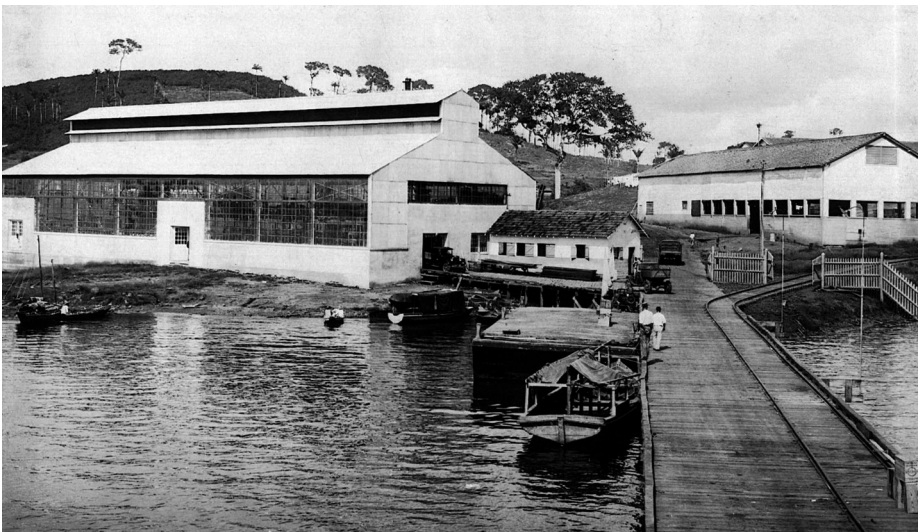


Figura 6 – Porto de Fordlândia com galpão próximo para geração de energia elétrica (data: década de 1930).



Figura 7 – Hospital de Fordlândia, um dos mais modernos e bem equipados da região Norte na década de 1930, com dois amplos pavilhões de enfermarias, centro cirúrgico, sala de parto, consultório dentário e sala de RX (data: década de 1980).



Figura 8 – Parte de equipamento utilizado para geração de energia elétrica, trazido pelos americanos para ser utilizado em Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 9 – Crachá de identificação dos seringueiros, com a inscrição da Companhia Ford Industrial do Brasil (CFIB) (data: década de 1980).

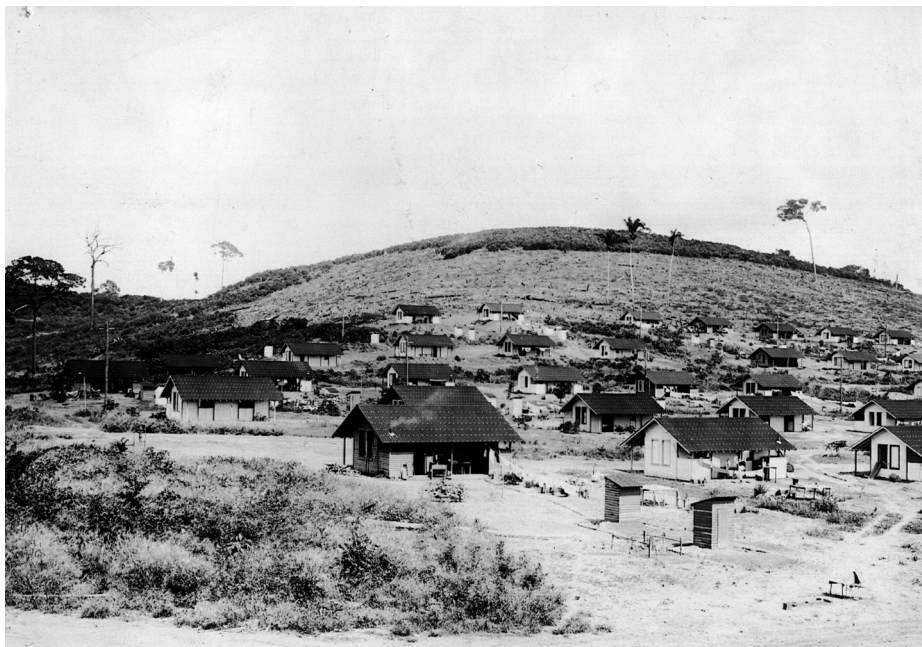


Figura 10 - Vila operária de Fordlândia com relevo montanhoso ao fundo (data: década de 1930).



Figura 11 – Construção típica seguindo padrão americano, com caixa d'água, em Belterra (data: década de 1970).



Figura 12 – Vista externa do barracão central que abrigava escritório, almoxarifado e seção de eletricidade (data: década de 1980).



Figura 13 – Vista interna do barracão central de Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 14 – Interior do galpão onde funcionou oficina de tornos em Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 15 – Casa construída para abrigar engenheiros e profissionais especializados na chamada Vila Americana, Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 16 – Casa construída para abrigar trabalhadores diferenciados no processamento do látex e na administração da cidade de Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 17 – Equipamento médico do Hospital Henry Ford em Fordlândia, desativado entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980 (data: década de 1980).



Figura 18 – Mobiliário hospitalar abandonado no galpão central de Fordlândia (data: década de 1980).



Figura 19 – Casa em Vila Americana, hoje ocupada por ex-trabalhadores da Cia. Ford em Belterra (data: década de 1990).



Figura 20 – Hevea brasiliensis com cortes característicos da extração de látex; hidrante ao fundo (data: década de 1990).

